

Inéditos

Poemas de Roberto de Oliveira Brandão

CONSTELAÇÃO

Cachos amarelos
no ar diáfano de azul
da manhã

O olhar busca a flor
suspensa no tempo
da aurora

Amarelo apenas
constelando no espaço
de luz

25-08-89

FRUTO

O arado corta o campo
em promessas
longos sulcos de espera
do fruto

E do ventre da terra
brota o desejo
encarnado

27-08-89

MANHÃ

A manhã eterna
traz a esperança
de cada dia
tão breve
como um fruto
de luz

04-09-89

SOL

O sol é um mito
vivo
fermento e seiva
do fruto humano
que dura
um dia

27-09-89

Inéditos

O homem que gostava de falésias

Maria Helena Ribeiro da Cunha

Era alto e muito magro. Se descia à praia, tirava as lentes grossas para se iludir com a imensidão do horizonte. Parece que ficava todo o tempo recolhido numa concha e só nos dias em que sentia o ar morno do verão se aventurava pelos atalhos que levavam ao mar. Sempre escolhia os mais difíceis, escarpas abaixo: nunca pela trilha calma da areia branca. Nem novo, nem velho, o que mais impressionava nele era o olhar morto com as pálpebras descaídas para fora como as de um perdigueiro cheio de desconfianças. Alguns julgavam que tinha sido seminarista; outros, um professor de meninos ou apenas um alpinista que comia maçãs. Enfim, todos tiveram a certeza de que trabalhava como almoxarife e estava de licença.

Visitava com frequência a lagoa que de um lado fazia paredes meias com o mar, porém gostava mais de ver o mundo do alto das falésias. Quando o viram pela primeira vez chegar à beira do abismo, a pique sobre o mar, pensaram que abriria os braços e se lançaria como um pássaro descarnado sobre a água tão azul. Mas com as pernas cruzadas sentou-se feito um hindu e, contra o sol, a sua figura de costas parecia a de um grande gafanhoto calvo. Depois, sempre o mesmo ritual. Invocava alguma divindade e se demorava iluminado até levantar-se para descer os degraus mal cavados e íngremes da falésia. Ao fim, trazia o olhar vitorioso e distante e caminhava lentamente até a beira-mar, passo a passo, pés abertos para os lados e as pernas finas ainda trêmulas da descida.

Então deixava-se tocar amorosamente pela espuma, às vezes amarelada, nos pés já cortados pelas pedras e conchinhas partidas que protegiam o mar dos nadadores afoitos. Vagaroso, deitava-se e abraçava-o como se ele fosse uma mulher. Só o perturbavam os sargaços e as algas que se enfiavam pela goela a dentro e arrebatavam-lhe todo o êxtase. Sua cabeça era um periscópio aflito a desviar-se dos inimigos. Era divertido vê-lo alçar-se na água e mergulhar como se fosse um golfinho brincalhão. Permanecia, porém, teimoso no aconchego das ondas e saía delas com o mesmo ar místico de míope e o